

## 13. TRABALHOS COMPLETOS: EIXO 7 - AVENTURA, GESTÃO E SEGURANÇA

### GESTÃO DE RISCOS EM ESPORTES VERTICAIS PROPOSTA DE UMA MODELO DE RELATÓRIO PARA ABERTURA DE PONTOS DE RAPEL

Antonio Vitor Barros de Lima<sup>1, \*</sup>, Raimundo Erick de Sousa Agapto<sup>1</sup>

(<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE – Campus Canindé. Jubaia, Canindé, Ceará, 62700-000, Brasil; <sup>\*</sup>vitorbarros1109@gmail.com)

#### RESUMO

O presente estudo pretende desenvolver um relatório destinado à troca de informações entre praticantes e pesquisadores de esportes de aventura. O relatório proposto trata especificamente sobre locais para prática de rapel. As informações presentes no relatório incluem materiais necessários para realizar a prática, características geográficas, riscos naturais, distâncias para serviços de emergência e detalhes sobre o ponto de apoio. A análise e discussão destacam a relevância dessas informações para garantir a segurança dos praticantes e promover uma experiência do rapel de forma segura e eficaz. Por fim, os autores concluem que o relatório apresentado fornece um panorama abrangente e detalhado do ponto de rapel, permitindo que os praticantes estejam plenamente conscientes dos desafios e precauções necessárias para uma experiência segura.

**Palavras-chave:** Gestão de Risco; Rapel; Relatório.

#### INTRODUÇÃO

Os esportes de aventura têm ganhado popularidade em todo o mundo, oferecendo, aos praticantes, experiências desafiadoras em ambientes naturais. No entanto, a prática desses esportes também está associada a diversos riscos que podem resultar em lesões graves ou até mesmo em fatalidades. A gestão de riscos é fundamental para garantir a segurança dos praticantes dessas atividades. Nesse sentido, a presente pesquisa busca apresentar e discutir uma proposta de gestão de risco considerando a modalidade do rapel.

O rapel é uma técnica de descensão por cordas, que possui raízes tão antigas quanto os primórdios do alpinismo (PEREIRA 2020). O Alpinismo, por sua vez, é uma modalidade de escalada que recebe esse nome por ser praticada nos Alpes, uma cordilheira localizada no continente europeu, que se estende nas regiões fronteiriças entre 07 países como França, Alemanha e Itália.

Embora existam debates sobre suas origens exatas, Robbins (1987) sustenta que o alpinismo surgiu na Grã-Bretanha em meados do século XIX. Inicialmente as primeiras escaladas, aos pontos mais altos dos Alpes Europeus, ocorreram para fins de coleta científicas nos campos da Glaciologia e da Cartografia, porém rapidamente essa prática se desprende dessa fase inicial se tornando uma atividade desejável e atrativa para muitos turistas (ROBBINS 1987).

Foi nesse contexto que, também no século XIX, a técnica de rapel foi desenvolvida, visando facilitar e tornar mais seguras as descidas após a escalada. De acordo com Pereira (2020), o termo "rapel" deriva do francês *rapeller*, que significa "recuperar". Essa técnica nasceu da necessidade de reduzir o esforço físico dos escaladores, frequentemente fatigados após a subida. Assim, o rapel se estabeleceu como um recurso essencial, permitindo uma descida mais ágil e segura.

De acordo com a Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura - ABETA, o rapel consiste em uma técnica de descida por cordas, em ambientes secos, utilizando técnicas e equipamentos específicos (ABETA, 2016).

Em diversas regiões do Brasil o rapel se tornou uma prática esportiva ou de lazer, associada ao turismo de aventura, ou a competições como as provas de corrida de aventura. O perigo e a imprevisibilidade presente nessas atividades fazem parte de um risco institucionalizado (MOURA; ENRIQUES, 2014), visto que o risco é um atrativo para a prática dessas modalidades, ao mesmo tempo que é controlado pela experiência dos instrutores e pela tecnologia dos equipamentos utilizados.

No entanto, vale destacar que os praticantes do rapel, não são pessoas irresponsáveis ou viciadas em adrenalina. Na verdade, são indivíduos que reconhecem os riscos e conseguem administrá-los a partir da utilização de técnicas de segurança e o manuseio de equipamentos específicos, aperfeiçoados pela tecnologia (PAIXÃO et al. 2010; MOURA; ENRIQUES, 2014).

Essa modalidade quando ofertada por agências de turismo de aventura costuma seguir um sistema de gestão de segurança e gerenciamento de risco, que considera a prevenção de riscos desde a saída dos clientes da agência, ou hotel, até a segurança do grupo durante a prática da atividade (AURICCHIO, 2016).

Diante deste contexto a presente pesquisa tem como objetivo desenvolver um relatório destinado à troca de informações entre entusiastas dos esportes de aventura, especificamente sobre locais para prática do rapel. As informações capturadas por este instrumento podem ser divulgadas por meio de um relatório detalhado, que inclua as características geográficas da área, além de informações cruciais sobre o ponto de rapel. Tal relatório tem o propósito de guiar os praticantes no gerenciamento de riscos, garantindo a máxima segurança e eficiência em suas atividades.

## **GESTÃO DE RISCOS**

A gestão de riscos em esportes de aventura é essencial para garantir a segurança dos praticantes e minimizar os riscos de acidentes graves. Para Eduardo (2017), a gestão de riscos consiste em um conjunto de técnicas destinadas a controlar e reduzir o impacto que as situações de imprevisibilidade/insegurança podem causar. Os benefícios desta atividade podem ser obtidos de forma responsável e segura através da identificação, análise e mitigação dos riscos, juntamente com a formação técnica adequada dos profissionais envolvidos.

A gestão de riscos em esportes de aventura ocorre por meio de duas estratégias principais: a utilização de equipamentos de segurança certificados por organizações internacionais e a expertise e capacitação dos guias e monitores (SPINK et al. 2004).

Diante desse contexto, compreendemos que algumas estratégias contribuem significativamente para a uma gestão eficiente da segurança, como a avaliação de riscos, que consiste em identificar os riscos potenciais associados a uma atividade específica, considerando fatores como condições climáticas, terreno, habilidades dos participantes e equipamentos utilizados.

Outra ação prévia importante para controlar os riscos em esportes de aventura é o planejamento adequado das ações, pois ajuda a desenvolver planos detalhados para cada etapa da atividade, incluindo rotas de acesso, procedimentos de emergência e estratégias de evacuação.

A comunicação efetiva ajuda a estabelecer canais de comunicação claros entre os membros da equipe e os participantes, permitindo a troca de informações e a coordenação de ações em caso de emergência. Vale ressaltar que a comunicação efetiva deve se estender também entre os demais espaços e instituições que possam estar relacionadas a segurança em esportes de aventura, como as equipes de resgate (Corpo de Bombeiros, SAMU, Defesa Civil) e hospitais ou postos de saúde.

## METODOLOGIA

### Caracterização da Pesquisa

Em relação aos aspectos metodológicos o estudo se caracteriza como pesquisa descrita de natureza qualitativa. De acordo com Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa descritiva aborda principalmente quatro aspectos: descrição, registro, análise e interpretação do fenômeno estudado. Através desse método o pesquisador procura descobrir a natureza, as características e as relações e conexões entre os objetos do estudo (BARROS; LEHFELD, 2007). A abordagem qualitativa da pesquisa auxilia na compreensão do fenômeno, explicando sua origem, relações, mudanças e explicando as consequências (OLIVEIRA, 2011).

### Apresentação do modelo de Relatório.

Entendemos que um relatório consiste em um conjunto de dados que apresenta os resultados parciais ou totais de uma atividade, experimento, projeto, ação, pesquisa ou outro evento que esteja terminado ou em andamento (MICHAELIS, 2024). Com base nessa definição apresentamos o modelo de relatório proposto pelo presente estudo. Esse modelo propõe a coleta das informações cruciais que podem ser levantadas durante a abertura de novos pontos para a prática do rapel, como também de espaços já consolidados para a realização dessa modalidade.

### Modelo de Relatório para abertura de pontos de Rapel

1. Qual o nome do ponto de rapel?	
2. Quantos metros de descida?	
3. Qual o tipo de ancoragem utilizada?	
4. Quantos metros de corda são necessários?	
5. Qual o tipo de rocha?	
6. Quais os principais riscos naturais que o espaço apresenta?	( ) Abelha ( ) Vento em excesso ( ) Animais peçonhentos ( ) Deslizamentos ( ) Outros
7. Qual a distância do ponto de rapel para hospitais e sedes das equipes de socorros e resgate?	
8. Qual a distância do último ponto de apoio até o topo da rocha?	
9. Qual a distância do centro da cidade até o último ponto de apoio <sup>55</sup> ?	
10. Quais as características do ponto de apoio?	( ) Tem residências nas proximidades. ( ) Fica no centro de uma vila ou comunidade rural. ( ) Tem área para telefonia celular.

## DISCUSSÃO

<sup>55</sup> Ponto de apoio: Para esta pesquisa definimos como ponto de apoio o espaço em que podemos deixar o transporte (carros, motos, ônibus) antes de entrarmos na trilha para chegar ao ponto de rapel. Esse espaço pode ser um estacionamento em caso de regiões mais urbanizadas, uma pequena comunidade rural, ou somente uma área descampada em que possível chegar de carro.

Considerando que a gestão de riscos é reconhecida como parte integrante e fundamental para a prática dos esportes de aventura, percebemos que a implementação de um modelo sistemático, envolvendo um conjunto de técnicas da gestão de riscos podem contribuir para a obtenção de resultados eficazes para a oferta de uma aventura segura e eficiente (ABNT/CB-54, 2005).

Desta forma, o modelo de relatório apresentado acima buscou apresentar informações cruciais para uma prática segura e controlada. Em relação à Questão 01, acreditamos que é necessário ter um nome específico para o ponto de rapel, visto que em situações de resgate poderá facilitar a localização do grupo pelas equipes especializadas.

As questões 02 a 05 buscam levantar informações que podem orientar sobre a quantidade e especificidade de equipamentos que podem ser utilizados naquele espaço. Sabemos que um ponto de rapel de 50m, poderá exigir uma ancoragem distante do ponto de saída, podendo utilizar 20 ou 30m a mais de cordas para realizar a ancoragem com segurança e eficiência.

As questões 03 e 04 são importantes visto que o tipo de rocha, na qual o rapel é realizado, indica não apenas o tipo de ancoragem a ser utilizado (se ancoragem natural ou artificial), mas também os cuidados que devemos ter durante os períodos do ano em que as rochas podem sofrer alterações com as chuvas ou o sol em excesso.

O Ministério do Turismo ao lançar o manual de orientações básicas para Turismo de Aventura destaca que em relação à segurança, 04 fatores são essenciais: as pessoas envolvidas na atividade, os equipamentos e estruturas que serão utilizados durante a prática, os procedimentos técnicos e por último os fatores fortuitos (BRASIL, 2010).

É importante ressaltar que os 03 primeiros pontos destacados devem ser controlados pelos profissionais que conduzem a atividade. Nesse sentido, acreditamos que conhecer previamente os detalhes sobre o espaço em que será realizado o rapel poderá facilitar a gestão dos riscos.

As questões relacionadas às distâncias do ponto de rapel para hospitais e sedes das equipes de socorros e resgate, assim como a distância do último ponto de apoio até o topo da rocha, são informações vitais que podem influenciar significativamente a estratégia de resgate, em caso de emergência.

Em relação à questão 06 é importante considerar que cada região tem suas peculiaridades e sazonalidades quando consideramos os perigos da natureza. O caso de animais peçonhentos, como cobra ou escorpiões, pode aparecer com mais frequência em determinadas épocas do ano, e podendo ser diferente entre uma região e outra do país.

De acordo com Auricchio (2016), perigo é uma circunstância, ou causa, com potencial para provocar prejuízos. Desta forma, uma situação de perigo, como os aspectos ambientais, pode gerar diversos riscos, que devem ser identificados com antecedência para que possam ser controlados.

Para Aguilera (2007), os primeiros fatores de segurança a serem considerados em uma atividade de aventura dizem respeito às questões naturais, visto que a natureza pode ser imprevisível quando não conhecemos, e respeitamos, as particularidades de cada região.

Silva, Almeida e Silva (2022), ao discutirem a importância de um inventário turístico para a prática do Canyoning<sup>56</sup>, reforçam que os aspectos de segurança devem considerar as especificidades da região, considerando o curso dos rios, a vegetação local e o tipo de terreno. Diante desse contexto, percebemos que as questões relacionadas ao conhecimento prévio do local da prática poderão contribuir significativamente para o controle dos riscos.

Em relação à questão 10, entendemos que conhecer detalhadamente o ponto de apoio poderá contribuir para conhecer rotas alternativas em caso de acidentes ou resgates, como também para providenciar abrigo em emergências.

---

<sup>56</sup> Modalidade de rapel praticado em cachoeiras.

## CONCLUSÃO

Acreditamos que as informações propostas no modelo de relatório apresentado acima são de extrema importância para que os praticantes possam estar plenamente preparados, garantindo assim uma prática segura e bem-sucedida. O conhecimento prévio sobre o espaço poderá permitir o planejamento adequado para a realização de uma atividade segura.

Conhecer os principais riscos que o espaço apresenta é essencial para que os praticantes possam adotar as medidas de segurança adequadas e tomar decisões durante a prática do rapel, influenciando diretamente na estabilidade e segurança durante a descida. Portanto, este relatório fornece um panorama abrangente e detalhado do ponto de rapel, permitindo que os praticantes estejam plenamente conscientes dos desafios e precauções necessárias para uma experiência segura.

Considerando a relevância das informações contidas neste relatório para a prática segura do rapel, acreditamos que o próximo passo para o desenvolvimento dessa pesquisa seja a criação de um aplicativo, ou ferramenta digital, dedicada à organização e disseminação desses dados. Essa iniciativa não apenas facilitaria a troca de informações entre os praticantes, mas também proporcionaria uma atualização contínua das informações. Com uma plataforma digital, os aventureiros teriam a capacidade de acessar detalhes dos locais para a prática do rapel, receber atualizações instantâneas sobre as condições climáticas e alerta de segurança em tempo real. Assim, essa proposta visa não só facilitar, mas também promover uma cultura de segurança para a comunidade dos esportes de aventura.

Por fim, ressaltamos a necessidade de validar o relatório através de uma aplicação prática, e da avaliação por especialistas na área. No entanto, compreendemos que o trabalho aqui apresentado, consiste em um estudo inicial dessa temática. Percebemos a necessidade de novas pesquisas que possam discutir o tema com mais profundidade para podermos aperfeiçoar a gestão do risco para a modalidade do rapel.

## REFERÊNCIAS

**ABETA** – Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. Escalada - Manual de Boas Práticas. 2016. Disponível em: <https://abeta.tur.br/download-category/manuais-de-boas-praticas>. Acesso em: 04/04/2024.

**ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas. Turismo de aventura – Sistema de gestão da segurança – Requisitos. 2005. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/D2EA7382D24B6FEE832576B90042B3EA/\\$File/NT00043966.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/D2EA7382D24B6FEE832576B90042B3EA/$File/NT00043966.pdf). Acessado em: 19/03/2024.

AGUILERA, M. M. **Prevencion, Seguridad y Autorrescate en Montaña**. Editora: Desnivel. Madrid – Espanha, 2007.

AURICCHIO, J. R. Segurança e gestão de riscos nas atividades de aventura. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 21, n. 215, Abril de 2016. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd215/riscos-nas-atividades-de-aventura.htm>. Acesso em: 02/05/2024.

BARROS, A. J. da S. LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

**BRASIL**. Ministério do Turismo. **Turismo de Aventura: orientações básicas**. 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo->



/publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-de-aventura-orientacoes-basicas.pdf. Acesso em: 04/04/2024.

EDUARDO, M. F. **Gestão de riscos e turismo de aventura: o papel da gestão de risco nas actividades de turismo de aventura praticadas na água.** (Monografia em Licenciatura em Animação Turística) Moçambique. Universidade Eduardo Mondlane, 2017. Disponível em: <http://monografias.uem.mz/handle/123456789/1477>. Acesso em: 20/03/2024.

MICHAELIS. **Dicionário Online.** Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/relatorio>. Acesso em: 04/04/2024.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. de. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa / pesquisa bibliográfica / teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MOURA, D. L.; ENRIQUES, I. A. D. O risco percebido em praticantes experientes de voo livre e rapel. **R. Bras. Ci. e Mov.** 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/4896>. Acesso em: 20/03/2024.

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia Científica: Um manual para a realização de pesquisas em administração.** Catalão-GO. Universidade Federal De Goiás, 2011.

PAIXÃO, J. et al. Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, 23, n. 2: 415-425, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/zgCxmTndpTP6dp45WrwFt6t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29/03/2024.

PEREIRA, D. W. **Fundamentos dos esportes de aventura e da natureza.** Editora: FAEL. Curitiba-PR, 2020.

ROBBINS, D.. **Sport, Hegemony and the Middle Class: The Victorian Mountaineers.** Theory Culture Society, 4, 579-601, 1987.

SILVA, F.; ALMEIDA, M. C.; SILVA, M. **Inventário, classificação e hierarquização de recursos turísticos de canyoning.** Atena, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/55671>. Acesso em: 23/03/2024.

SPINK, M. et al. **Os seguros no contexto do turismo de aventura.** *Psicologia e Sociedade*, v. 16, n. 2, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822004000200010>. Acesso em: 25/03/2024.